

O futuro da comunidade nipo-brasileira nos próximos 100 anos

*POR JUNJI ABE

Para pensar no futuro, é preciso conhecer o passado. Final do século 19, de 1870 em diante: era Meiji. Caos absoluto seria a definição adequada para a crise, sem precedentes, instalada no Japão. Não restava um fio de esperança para alinhar a perspectiva de vida dos japoneses. Do outro lado do mundo, havia um país, de grandes dimensões continentais e terras férteis que, após o fim da escravidão, enfrentava escassez de mão de obra para a lavoura.

O governo japonês tingiu os fatos com propaganda enganosa: no Brasil, ganhava-se em três ou quatro anos o equivalente a 40 anos de trabalho árduo no Japão. Só poderiam embarcar para a terra prometida casais com filhos. Quem não os tivesse, teria de adotar a prole de outra família. Os imigrantes saíam do Japão com contrato de quatro anos de trabalho no desbravamento de matas virgens para transformação em cafezais ou no cultivo de lavouras em fazendas já formadas. Sabiam que viriam para regiões interioranas de São Paulo e Paraná. Porém, não imaginavam o inferno que iriam enfrentar.

Milhares morreram nos sertões, vítimas de surtos epidêmicos e males simples que, sem assistência médica, ceifavam vidas e mais vidas. Na zona rural de Álvares Machado e Cafelândia – a 500 quilômetros da Capital –, há cemitérios onde centenas de japoneses foram sepultadas em prazos de 15 a 30 dias.

O sonho acalentado de conquistar independência financeira para posterior regresso ao Japão foi-se postergando até que o imponderável aconteceu: o Japão entrou na Segunda Guerra Mundial. Apareceu em cena o nacionalismo extremo, resquício da era dos samurais. Acreditavam que o Imperador jamais permitiria a derrota do país.

Na esteira do fanatismo, surgiu a Shindo Remmei. Sem acesso às notícias, após a derrota e rendição do Japão, em 1944, milhares de membros da entidade ficaram quase três anos na região paulistana, outrora rural, de Santo Amaro. Aguardavam a chegada dos navios que seriam enviados pelo Imperador para regressarem ao Japão vitorioso. Para bancar o transporte, os futuros passageiros eram intimados a repassar bens e economias aos vigaristas responsáveis pela viagem fictícia.

Passado o trauma da derrota do Japão, consolidou-se entre os imigrantes um sentimento que nascera antes da guerra – a resignação que levou à decisão de fincar os pés no Brasil e aqui criar seus filhos. Apesar da pobreza monumental, o povo japonês tinha o tesouro do conhecimento. Dominava modernas técnicas em todos os setores. A princípio, os imigrantes concentraram-se na produção agrícola. Depois, envolveram-se em atividades urbanas. Não por menos, imprimiram o pioneirismo em muitas iniciativas.

Entre as décadas de 50 e 80, sedimentou-se a integração



Junji Abe (direita), com o cônsul geral do Japão, Kazuaki Obe, e Hirota Hayashi, da Aflord,



Junji Abe: Nikkeis tem se destacado nas mais diferentes atividades

entre os dois povos. O desenvolvimento do Brasil teve um impulso extraordinário. Os avanços derivados do trabalho dos imigrantes e seus descendentes – já na segunda geração – são latentes. Basta citar a série de cooperativas agrícolas espalhadas em dezenas de estados brasileiros, como a Cotia, Sul Brasil, Itapeti e Bandeirantes. Multiplicaram-se parcerias entre os dois países.

O Proceder I e II – Programa de Desenvolvimento do Cerrado Brasileiro, dos anos 70, revolucionou a produção nacional, alicerçando o agronegócio brasileiro responsável pelo superávit da balança comercial e reconhecimento internacional do Brasil como o celeiro do mundo. O governo japonês financiou 80% do projeto, com 30 anos para amortização e juros reduzidos.

Outro exemplo está em São Joaquim (SC) onde a JICA, a agência japonesa de cooperação internacional, viabilizou tecnologias para autossuficiência na produção de maçãs. Há ainda megafinanciamentos

para despoluição do Tietê e da Baía da Guanabara, assim como o impulso à produção siderúrgica na Usiminas que contribuiu com o avanço tecnológico da Siderbras, elevando a qualidade do ferro, aço e derivados, insumos para a indústria nacional.

Por outro lado, o Japão prescinde do Brasil como fornecedor de minérios e de produtos agrícolas como soja, café, algodão, suco de laranja, carne bovina e aves. Logo, também importará etanol brasileiro para substituir as perigosas usinas nucleares.

O relacionamento entre os dois países tem a permanente contribuição das lideranças nikkeis, por meio de entidades organizadas, como a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, Federação das Associações Culturais das Províncias do Japão no Brasil, Associações Culturais e Beneficentes das Províncias do Japão no Brasil. Também é notória a afinidade entre os órgãos governamentais de ambas as nações, assim como a atuação da Frente Parlamen-

tar Brasil-Japão, na esfera do Legislativo.

Passados 103 anos da chegada dos primeiros imigrantes, os descendentes honram seus ancestrais desenvolvendo eventos e atividades culturais, esportivos, educacionais e de culinária, tradicionais da cultura nipônica. Além disso, os nikkeis registram destacada participação nos diferentes segmentos da sociedade – política, ciências sociais, cultura e artes, economia, meio ambiente e assim por diante.

Por irresponsabilidade do governo brasileiro, entre 1975 e 1994, houve o mais longo período de escalada inflacionária que causou o fato de maior pesar para a comunidade nipo-brasileira: o fenômeno de dekassuei. Além de esfacelar setores produtivos e multiplicar a população em miséria, a crise forçou cerca de 350 mil descendentes e japoneses a irem trabalhar no Japão para sobreviver.

Superação – A saga dos imigrantes japoneses no Brasil evoluiu amparada nos conceitos e valores trazidos das origens. A vida cotidiana num país muito pequeno, superpovoado, sem matrizes energéticas, com topografia bastante desfavorável, severas intempéries climáticas e catástrofes naturais moldou o povo japonês a ser organizado, disciplinado, respeitoso, solidário, discreto e extremamente trabalhador.

O confronto com a dura adaptação no Brasil – de idioma, clima, costumes, tudo desconhecido para os recém-chegados – fez aflorar essas características, exercitadas com maior determinação a cada novo obstáculo. Na hora do jantar modesto, com a família reunida, os avós e pais repassavam ensinamentos elementares à boa formação do caráter. Falo do senso de responsabilidade, seriedade, transparência, honestidade, lealdade, solidariedade, amor ao trabalho, à família e a Deus. Assim, lapidaram a chave da superação. De tudo. Sempre.

Da mesma forma que o povo japonês reergueu a nação após os efeitos devastadores da Segunda Guerra, os imigrantes transpuseram as adversidades para constituir e

solidificar a unidade familiar. Na mente, a bagagem cultural e os valores morais; na alma, lições milenares alicerçadas na religião budista.

Como descendentes de japoneses, recebemos um legado cultural e espiritual que não tem preço. Graças à determinação dos nossos ancestrais na missão de instrumentalizar nossa postura no lar e na sociedade, fomos preparados para ser patriotas, cidadãos dignos, cumpridores dos deveres. Na recente tragédia do vazamento radioativo na usina nuclear de Fukushima, o mundo assistiu, perplexo, à devoção de aproximadamente 100 homens, entre técnicos e voluntários, que decidiram correr risco de morte para salvar milhares de vidas.

Gaman (suportar, resistir), omewaku (não incomodar), mootainai (não desperdiçar), seikaku (pontualidade), yakusoku (compromisso), shinyoo (credibilidade), doryoku sha (trabalhador), okaguessama (dar graças – a Deus ou a alguém), kenson (humildade) e gambarimashou (unidos avante) são algumas das expressões que demonstram hábitos que precisamos difundir, tornando melhor e mais promissor o futuro dos nossos descendentes.

De tão rica, a gama de contribuições dos imigrantes e seus descendentes para o desenvolvimento do Brasil foi reverenciada com emoção pelas autoridades constituídas e com extremo carinho pelo povo brasileiro na série de eventos que marcou a comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

Irmanados – Brasileiros, japoneses e descendentes –, todos renderam homenagem aos heróicos imigrantes. Em 2008, como prefeito de Mogi das Cruzes, construímos o “Parque Centenário da Imigração Japonesa no Brasil”, recuperando uma área de 315 mil metros quadrados, outrora degradada. O espaço inclui gigantesca réplica do navio “Kasato Maru” que abriga um museu fotográfico das famílias pioneiras no desbravamento de áreas para plantações. Em cada detalhe, uma lembrança. Em cada tijolo, uma emoção. Em cada parede, uma lágrima pela superação. O texto é pobre diante da magnitude do Parque. A melhor recomendação é a visita. Aproximadamente 50% dos recursos para o empreendimento vieram da iniciativa privada, prova da gratidão da sociedade aos imigrantes.

O espaço foi pensado para se sustentar sobre quatro pilares imprescindíveis na história que ele simboliza. O primeiro engloba respeito, reconhecimento, admiração e gratidão do povo aos imigrantes. No segundo, estão a emoção e agradecimento dos descendentes ao Brasil e aos brasileiros pela fraternal acolhida aos ancestrais. O terceiro abraça a riqueza natural, de muito verde e lagos, associada a equipamentos culturais e de lazer – cada qual com uma simbologia – para receber, com o calor de um abraço, todas as famílias. O quarto cumpre a

função de eternizar a homenagem, fazendo perpetuar na mente e no coração dos visitantes a epopéia da imigração japonesa no Brasil.

Além da robusta amizade que liga Brasil e Japão, expressa em intercâmbios de toda ordem, nos próximos 100 anos, os laços serão cada vez maiores. São países que se completam. Do solo nacional para a Terra do Sol Nascente, seguirão mais alimentos e etanol. De lá, virão novas tecnologias e investimentos. Ambos sustentam interesses indissolúveis na defesa do meio ambiente para o desenvolvimento sustentável. E, acima de tudo, dão ao planeta uma lição exemplar na luta pela paz mundial.

Lindos mestriños de olhos amendoados personificam a total integração entre os dois povos. As barreiras culturais ficaram no passado. Graças a Deus! Até a década de 70, havia pais que não permitiam o casamento dos filhos com brasileiros.

Evidente que a integração altera parte da genuína bagagem trazida pelos imigrantes. Tudo se transforma muito rápido no mundo globalizado. Mas, há algo que não pode mudar. Por tudo que somos e pelo bem que queremos para nossos descendentes, temos o dever de preservar os ensinamentos que recebemos dos avós e pais imigrantes. Mais: cabe-nos a missão de repassá-los.

Com valores morais, manifestações culturais e tradições herdadas dos ancestrais, a comunidade nipo-brasileira dará continuidade à evolução, em harmonia com a cultura e costumes nacionais. Assim, prosseguirão escolas de Língua Japonesa, o ensino do soroban e os encantos da Ikebana. Igualmente, judô e karatê crescerão ao lado da paixão brasileira pelo futebol. Muitos se renderão à maestria dos festivais de karaokê. Outros ampliarão afinidades entre o ritmo do taikô e o bom samba nacional. Todos poderão se deliciar com sukiyaki, sashimi e sushi. Ou aderir à invenção verde e amarela da caipirinha de saquê.

Convivência harmoniosa requer contribuições mútuas. Basta que cada um faça sua parte para que o Bicentenário, em 2108, nos inunde a alma com a emoção das homenagens em reconhecimento e gratidão aos bravos imigrantes japoneses que tanto fizeram pela Pátria amada brasileira. Em memória dos nossos antepassados, façamos o melhor para passar adiante o que nos ensinaram. Gambarimashou!

Junji Abe é deputado federal (DEM-SP), ex-deputado estadual e ex-prefeito de Mogi das Cruzes (SP)

ADVOCACIA CÍVEL
 CRIMINAL
 TRABALHISTA

DR. PEDRO HANDA

RUA DA GLÓRIA, 332
 5º ANDAR - SALA 51
 TEL. (11) 3271-0806
 9575-1575

ORIENTAÇÃO SOBRE A VENDA DE NICHOS “NOKOTSU BUTSUDAN”

Foram instalados nichos a fim de abrigar urnas de cinzas e plaquetas memoriais. Construído no prédio “Daikankaku”, os interessados podem adquiri-lo, pois as vendas deram início. Os nichos medem 32cm x 30cm x 50cm de profundidade. Maiores informações na Secretaria do Templo Busshinji.

Comunidade Budista Sotozen Shu da América do Sul - Templo Busshinji
 Rua São Joaquim, 285 - Liberdade - São Paulo - Tel. (11) 3208-4515 / 4345

RESTAURANTE JAPONÊS

I ZAKA YA ISSA

Sashimi, Oden, Gyoza
 Tako-yaki, Okonomi-yaki
 Lamem, Udon, Soba.....

Rua Barão de Iguape, 89
 Liberdade - São Paulo - SP
(11) 3208-8819 • Horário: das 18 hs. ~

★占師★
 ブジオスとタロット占い

ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

BUZIOS E TARO
 COM LINHA ORIENTAL
 PARA AMOR, NEGÓCIOS,
 SAÚDE E FAMÍLIA.

Trabalho c/ Rapidez, Sigilo e Responsabilidade.

Mais de 40 anos de Experiência em Revelações de Ancestrais.
 Tel.:3326-1443 / 8500-2124